

IMPERTINÊNCIA

Comentei há tempos o deplorável português macarrônico em que é escrita a parte editorial da revista "Habitat", do Museu de Arte de São Paulo. Apareceu ali, depois de uma nota mais ou menos malcriada, contra reparos idênticos ao meu. Agora me chega o número 9 da revista. Como sempre, está bem impressa e paginada, e traz matéria e ilustração muito interessante sobre arquitetura escolar e residencial, a maravilhosa exposição de Steinberg, sobre psiquiatria e pintura, arte indígena, moda brasileira e outros assuntos. Tudo bom e vivo. Mas quando chegamos à parte de comentários editoriais, aparecem as pequenas notas às vezes interessantes mas quase sempre pretenciosas. Há, por exemplo, depois de uma citação de Fontanes, isto: "Os nossos críticos superam — em síntese fecunda — as quatro formas de Geffroy; encontraram, simplesmente, a forma de não dizer nada. Não lhes faltam as palavras, mas, com número incrível, conseguem não dizer nada. Zero absoluto".

Ora, isto é um ataque tolo e estúpido que atinge todos os críticos de arte brasileiros — em cujo número, vou logo dizendo, não me incluo, pois sou apenas um comentarista ocasional e marginal de coisas de arte. Quem faz esse ataque? A direção da revista, e portanto a responsável por essa insolência imbecil, é a senhora Lino Bo Bardi (que pelo nome se não perca), e atrás dessa senhora está o diretor do Museu, o sr. Bardi.

Naturalmente, a boa crítica de arte consiste na que habitualmente faz "Habitat" quando a nota é editorial: achar péssimo tudo que se expõe em outros museus e excelente tudo o que se expõe no próprio Museu. Veja-se a nota boba sobre Cícero Dias e também uma outra, de pura má vontade, sobre um debate realizado no Ministério da Educação sobre arte moderna.

Mas a melhor mostra de que a presunção e a tola vaidade da direção de "Habitat" não têm limites está em sua indiferença às críticas feitas à sua linguagem macarrônica. Neste número 9, vemos referência aos "guerreiros do Médio Evo" e construções assim: "Esperamos de nos enganar" e "Em S. Paulo... abriu uma nova casa de decorações"; ou "temos visto o filme em S. Paulo" no lugar de "vimos" ou "tinhamos visto".

Não quero me dar ao trabalho de catar outras barbaridades desagradáveis. Mas seria demasiado pedir ao genial sr. Bardi que decretasse a nulidade absoluta de nossos críticos e dos pintores brasileiros que têm a desgraça de expor em outros museus, em um português menos porco? Sempre fiz justiça ao Museu de Arte de São Paulo, e não desconheço os méritos de organizador, do sr. Bardi. Mas esse excesso de presunção e de impertinência está se tornando intolerável, e provoca um inevitável desejo de ver o sr. Bardi e sua bobardística senhora devolvidos (bastante enriquecidos) à velha Itália, onde — eu posso dizê-lo — a sua fama é bastante curiosa...

27/12/52 R. B.

213